

ARBITRARIEDADE DA LINGUAGEM: SAUSSURE E O EMBATE ENTRE *PHYSIS E THESIS*

Cícero Barboza Nunes (UFRPE)

ck.nun.es@hotmail.com

Embora seja de grande conhecimento contemporâneo que a arbitrariedade da linguagem seja a ausência de similaridade entre o significante e o significado (SANTAELLA, 2004, p. 128), é possível dizer, contudo que este conceito tem suas origens com os filósofos da antiguidade grega e se mantém até os dias atuais, sendo estudado, principalmente, no Curso de Linguística geral (CLG), pela Linguística moderna. De fato, Platão foi o primeiro pensador a refletir os problemas fundamentais concernentes à *lingua gem*. (WEEDWOOD, 2002 p. 21). Em suas obras são elencadas questões de suma importância para a compreensão da linguística moderna, principalmente em sua obra *Crátilo*, onde há um longo questionamento entre os personagens Crátilo, Hermógenes e Sócrates acerca da justeza dos nomes. Esta hereditária e milenar discussão existente desde a antiguidade grega tem forte impacto na linguística estruturalista representada pelo mestre genebrino Ferdinand de Saussure, que defende que o signo linguístico é arbitrário (CLG, p.81). A partir de um corpus formado com a obra de Platão supracitada e com os escritos atribuídos a Saussure no que se refere à arbitrariedade do signo linguístico, este trabalho tem como objetivo apresentar um estudo comparativo do conceito em questão, revelando, por um lado, uma preocupação metalinguística já existente na Antiguidade e, por outro, a forma como ela comparece em um dos textos fundadores da Linguística moderna. A relevância deste trabalho reside em demonstrar que essa discussão é de tão grande envergadura que se estendeu dos antigos filósofos gregos até a linguística estrutural.